

EDIÇÃO
ESPECIAL

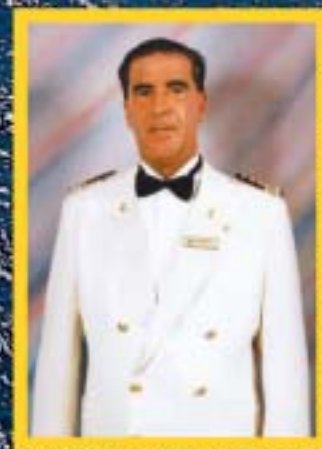
Dance

10
ANOS

DISTRIBUIÇÃO INTERNA E GRATUÍTA - ANO X - Nº 113 - FEVEREIRO 2005 (2ª do Dançando a Bordo)
EDITOR: MILTON SALDANHA - www.jornaldance.com.br - jornaldance@uol.com.br

Dancando 2005 a bordo

VIDA DE MARINHEIRO:
*Giuliano Bossi, Comandante
do Costa Victoria.*



Bem-vindo a bordo!

- Editorial • Nossos professores • Nossos personal dancers • A palavra de Renê Hermann • Staff do Costa Victoria
- Perfil de Naim Ayub • Viajando nos velhos Itas • Entrevista com Francisco Ancona • O Ballet do Costa Victoria
- A incrível cozinha do navio • Adrian Ursilli aponta o futuro • Programação completa de aulas, bailes, milongas e espetáculos.



Milton Saldanha

Editorial

Cruzeiro de grandes talentos. E belas histórias.

Navio lotado, o dobro de profissionais de dança, uma DJ a mais e também um tempero a mais, a Mostra Paralela de Tango. A Edição Especial do **Dance** acompanha o crescimento geral do Dançando a Bordo: no cruzeiro anterior, no Costa Tropicale, saiu com 12 páginas, sendo 4 coloridas. Esta tem 16 páginas, 8 coloridas. A primeira teve 4.500 exemplares. Esta tem 10 mil, mais Internet (www.jornaldance.com.br). O reparte para o navio é de 4 mil jornais.

Tudo, portanto, cresceu de um ano para cá, inclusive o entusiasmo da grande e coesa equipe que planeja e faz acontecer esta festa. Não tenho receio de afirmar que o Dançando a Bordo é, disparado, o maior e mais animado evento de dança a bordo de um navio. Este jornal, que abriu os festejos dos seus 10 anos no cruzeiro anterior, também em fevereiro, se sente profundamente honrado e privilegiado por ser o promotor e divulgador oficial, por escolha da Costa Cruzeiros. Recomendo a leitura da entrevista de Francisco Ancona, na página 7, para saber como tudo começou e continua prosperando.

A propósito, já que estamos falando de crescimento, é disso que trata o artigo do diretor-geral da Costa no Brasil, Renê Hermann, na página 6. Os dados são realmente impressionantes, principalmente quando a gente lembra que há poucos anos atrás nosso país não ocupava posição tão alta no ranking das viagens marítimas de lazer e turismo.

A 3, página nobre de qualquer jornal, está dedicada ao nosso comandante Giuliano Bossi, não só por ser a maior autoridade a bordo, mas principalmente como uma homenagem pelo profundo conhecimento e amor que expressa por nosso país. Para um marinheiro que já rodou tanto o mundo, nos envaidece saber que é leitor habitual, em português, dos nossos escritores. E que, mesmo acostumado com tantas viagens, se emociona ao falar nas belezas do Rio de Janeiro.

Nas páginas 4 e 5 apresentamos, de forma tão leve quanto possível, sem longos e enfadonhos currículos, os nossos professores e personal dancers. Nem precisam currículos — só de vê-los dando aulas, dançando, fazendo shows, esbanjando simpatia e simplicidade, você vai amá-los. Quase todos já são famosos na dança de salão bra-

sileira. Os mais jovens iniciam promissora carreira. Uma equipe que orgulha o Dançando a Bordo, sob a coordenação experiente e talentosa de Théo e Mônica.

É, mas tem mais. Um corpo de balé altamente profissional, com 12 bailarinos e dois cantores, capacitados a brilhar em qualquer mega-espetáculo da Broadway, que a propósito trazem em fragmentos para o palco do Teatro Festival. O Ballet do Costa Victoria tem a coordenação técnica da bailarina inglesa Emma McLean. A Costa, mundialmente, contrata nada menos que 170 bailarinos. Não deixe de ler, na página 12.

Quem chefia todos estes artistas é o brasileiro Naim Ayub, diretor de cruzeiro. Suas responsabilidades, e pinçeladas da sua vida, estão na página 7.

A grade completa da programação você encontra na página 14. Foi montada para facilitar suas escolhas, e para que você perca o mínimo possível, ou não perca nada, entre tantas opções. Qualquer eventual mudança será informada no "Today", o jornal de bordo diário, de indispensável leitura. O que garantimos é que ócio, no sentido mais radical da palavra, aqui só existe nas espreguiçadeiras das piscinas, porque afinal ninguém é de ferro.

Mas como nem só de arte, dança e repouso vive o homem, é preciso pensar também no estômago. Como você acha que tantas delícias podem ser produzidas com tanta abundância? **Dance** desvenda os mistérios da cozinha do navio. Uma reportagem saborosa no sentido literal, na página 15.

O futuro da navegação turística de grande porte é comentado na página 6 por Adrian Ursilli, gerente de vendas e marketing da Costa no Brasil.

Em contraponto, a memória não ficou de fora desta edição. Contemple este magnífico Costa Victoria e depois saiba, na página 10, como era viajar de navio pela costa brasileira no início dos anos 50, nos célebres Itas. Um texto não de pesquisa, mas depoimento de experiência pessoal.

Depois disso tudo, cremos estar oferecendo a vocês um jornal com a qualidade da Costa e dos seus incomparáveis cruzeiros, principalmente nosso amado Dançando a Bordo. Beijos !



Edição Especial para o Dançando a Bordo 2005
Navio Costa Victoria

Parceria Costa Cruzeiros – jornal Dance (promotor e divulgador oficial).

Editor: Milton Saldanha (São Paulo). **Repórter Especial:** Rubem Mauro Machado (Rio de Janeiro). **Apoio Editorial:** Francisco Ancona Lopez. **Capa:** Foto/navio – Rodolfo Ancona Lopez. Lay-out - Ronie Prado. **Fotos:** Studio RUDA, Milton Saldanha, Banco de Imagens Costa-Gênova e Arquivo/Dance. **Paginação eletrônica:** Alexandre Barbosa da Silva. **Ilustrações:** Pedro de Carvalho Machado. Rua Pais da Silva, 60 – Chácara Santo Antonio/Santo Amaro, São Paulo/SP., Cep. 04718-020. Tel/fax (11) 5182-3076 / 5184-0346 / 8192-3012 - jornaldance@uol.com.br.

Tiragem total desta edição: 10 mil exemplares. **Reparte para o Costa Victoria:** 4 mil exemplares. Distribuição interna e gratuita. **Também integral na Internet.** www.jornaldance.com.br

Comandante Giuliano Bossi

O homem que já deu 18 voltas ao mundo

Foto: Milton Saldanha

Para o capitão Giuliano Bossi, comandante do Costa Victoria, a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa é não ter curiosidade pelo mundo e as coisas a seu redor (isso somado a não querer evoluir). E foi exatamente a vontade de ver o mundo que levou esse italiano, nascido há 59 anos no litoral da Ligúria, junto ao azul profundo do Mediterrâneo, a seguir a carreira marítima. E depois de ter cruzado os sete mares e quantos mais haja, ao longo de 42 anos de carreira, e depois de ter devorado as paisagens mais diversas e remotas, confessa que sua fome de conhecer novas pessoas e novas terras ao invés de diminuir só aumenta com a passagem do tempo.

- Sou um cigano – define-se com simplicidade.

E como para justificar-se, menciona um ditado italiano: “Meglio vedere una sola volta que ascoltare cento volta” (“é melhor ver uma só vez do que escutar cem vezes”).

Giuliano nasceu em 1945 em Manarola, uma das cinco aldeias que formam a região de praias e vinhedos conhecida como “Cinque Paesi” (Cinco Terras), uma das maiores atrações turísticas da Itália. Ali, já a partir dos 12 anos, trabalhava nas férias em barcos, como pescador de anchovas. E explica:

- Naquelas aldeias são todos marinheiros.

A primeira viagem de sua vida, que se converteria num marco, aos 11 anos, aconteceu quando o pai, um engenheiro ótico, foi a Roma a trabalho por dez dias e levou toda a família. Giuliano credita ao pai o estímulo para se abrir à beleza e às maravilhas do mundo, como quando, por exemplo, lhe mostrou o Moisés de Michelangelo e lhe contou que o escultor, maravilhado com a perfeição da própria obra, gritou-lhe: “Parla!” (“Fala!”).

Cruzando os mares

Aos 18 anos formou-se no Instituto Náutico de La Spezia, principal cidade da região e um dos mais importantes portos italianos. Depois de quatro anos de navegação e de prestar novos exames, como determinam as leis italianas, pôde tornar-se oficial de navios de passageiros, indo servir no Leonardo da Vinci, na época o principal transatlântico do país, fazendo a linha Genova-Nova York. Seu primeiro comando che-



Comandante Giuliano Bossi em sua sala, sempre acompanhado dos seus livros em português dos mais famosos clássicos da literatura brasileira.

vessado do Atlântico para o Pacífico pelo Canal do Panamá, retornando depois ao Atlântico pelos estreitos do continente gelado.

O capitão Bossi não hesita em apontar as terras do Oriente como as mais fascinantes que viu. Índia, China, Vietnam e Birmânia o impressionaram mais que tudo, pelas belezas naturais e o forte contraste cultural.

- É impossível, por exemplo, esquecer a beleza dos pagodes budistas de Rangun (Birmânia) – afirma.

Mas nenhuma cidade o fascinou mais do que Sana, capital do Iêmen do Norte, edificada a 300 metros de altura sobre uma base de areia. Ressalva no entanto que as duas cidades mais lindas do mundo são Veneza, por seu acervo arquitetônico e de arte, e o nosso Rio de Janeiro, por sua beleza natural; a Guanabara em sua opinião deixa no chinelo as baías de Sidney e San Francisco. Roma viria num honroso terceiro lugar.

- Lembro-me como fiquei todo arrepiado de emoção num amanhecer em que passava diante de Copacabana, com os edifícios faiscando ao sol. E toda vez que cruzo por ali, procuro passar o mais perto possível das ilhas e praias, para avivar a emoção dos passageiros. Não é possível que alguém fique indiferente a tanta beleza – diz.

Na costa brasileira

O capitão não procura esconder sua profunda e sincera ligação com o Brasil. Profundo conhecedor da costa brasileira, afirma conhecer a Amazônia como a palma da mão: muitas vezes foi de Belém a Manaus, seguindo pelos rios Parintins, Negro e Amazonas, à frente de navi-

os com seis metros de calado (profundidade mínima de água de que a embarcação necessita para navegar). Com o Enrico C, que tinha sete metros de calado, ele fazia outra rota, pelos estreitos de Macaco e Macaquinho. Foi ainda Bossi quem chamou a atenção para as belezas naturais de Porto Belo, em Santa Catarina, hoje escala regular dos navios da Costa Cruzeiros.

Ele diz que adora trabalhar com o público brasileiro, por sua alegria e por tratar-se de um público uniforme, com pessoas de gostos semelhantes, e assim mais fáceis de satisfazer. Leitor assíduo de Jorge Amado, sua maior admiração

mando de 850 tripulantes, dos quais 38 oficiais. Quando o Costa Victoria vai chegar a um porto, ele acorda uma hora antes da manobra de atracação, para comandá-la. No porto, recebe as autoridades. Tem uma reunião diária, às vezes duas, com o seu estado-maior, e precisa assinar montanhas de papel, já que a solução de todos os problemas passa necessariamente pela mão do comandante. A comunicação constante com passageiros das mais diferentes partes do mundo é facilitada pelo fato de que fala sete idiomas: além do italiano, português, inglês, francês, espanhol, alemão e holandês.

Quando não está no mar, é claro, o capitão Bossi mora em La Spezia, a nove quilômetros da aldeia natal. Mas uma grande satisfação sua foi, durante cinco anos, ter podido navegar quatro meses por ano (nas férias escolares), com a mulher e os dois filhos, um rapaz e uma moça. Nem assim os filhos animaram-se a seguir a carreira do pai e hoje são advogados.

- Viajar pelo mundo é um privilégio e me faz feliz – confessa o capitão Giuliano Bossi.

A primeira viagem, aos 11 anos, foi uma grande emoção

garia em 1978, no cargueiro Giovanna C. Dois anos depois assumiu o comando de seu primeiro navio de passageiros, o Flavia.

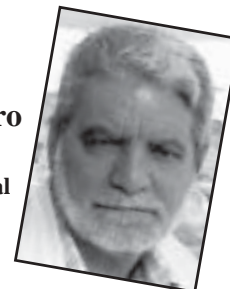
Durante sua longa carreira deu nada menos do que 18 voltas ao mundo. Numa delas, em fevereiro de 1992, no comando do Daphne, esteve à frente do primeiro cruzeiro marítimo à Antártica, no percurso de Ushuaia a Hope Bay, levando 400 passageiros. A ousadia foi recompensada e uma incrível sorte com as variações do tempo, aliada à perícia técnica, permitiu que cumprissem todo o difícil roteiro, com desembarque em todos os pontos programados. Essa viagem consumiu 125 dias, depois de terem atra-

Sete idiomas garantem comunicação fluente com a população internacional do navio

literária, e de Paulo Coelho, de quem apreciou muito “O alquimista”, o capitão Bossi conta que se emocionou quando descobriu em cruzeiro recente que tinha a bordo o filho e a filha de Amado. E mostra com orgulho o livro autografado que ganhou da viúva do escritor, Zélia Gattai.

Contente por comandar o que considera “o mais bonitos dos navios” – pelo menos para o gosto latino, como faz questão de ressaltar – o capitão tem um dia a dia movimentado no co-

Rubem Mauro Machado
Repórter Especial



Os professores



Omar Forte



Karina Carvalho Maurício Butenas



Ricardo Liendo (Participação Especial)
Vanessa Jardim



Gustavo Lilla Fabiana Terra





*Theo
Mônica*



*Drika La Luna
(DJs)*



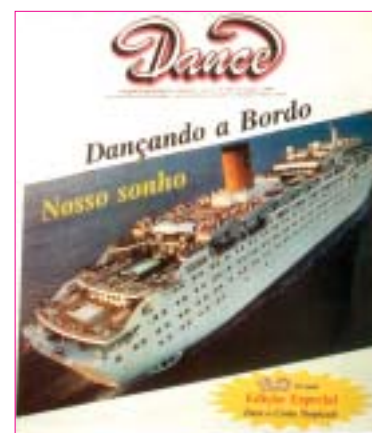
*Fernando Campani
(Participação Especial)*



Renato Assis

Participação Especial
Mônica Feliciano Casagrande
(Terapeuta Corporal)

- Equipe Personal**
- Clóvis Escarabelin
 - Renato Santana
 - Everson Santos Oliveira
 - Emerson Ferreira
 - Ricardo Martinez
 - Edson dos Santos Jr
 - José Andrade
 - João Carlos Santos
 - Ataliba
 - Cristiano dos Santos
 - Márcio Monteiro



Como conquistamos a liderança do mercado

Renê Hermann

Diretor-geral da Costa Cruzeiros no Brasil

É um momento de grande felicidade de pessoal poder dirigir-me aos dançarinos de salão, brasileiros e estrangeiros, que participam deste magnífico cruzeiro Dançando a Bordo 2005, no Costa Victoria. A Costa Cruzeiros não vem poupando esforços nem investimentos, desde o ano passado, para fazer deste evento um dos carros chefes das suas temporadas na costa brasileira. O Dançando a Bordo já se consagrou e a prova está aqui – navio lotado e fila de interessados que, infelizmente, tentaram mas não conseguiram entrar nesta festa. Com todo o respeito à concorrência, não tenho a menor hesitação em afirmar que nenhum outro cruzeiro reúne sequer metade do aparato e dos recursos humanos disponíveis neste Dançando a Bordo. Esta Edição Especial do **Dance**, nosso parceiro de longa data, é a insofismável prova disso. Além, claro, do testemunho daqueles que aqui estão e daqueles que estiveram no Costa Tropicale em fevereiro de 2004. Muitos deles voltaram, e este é o nosso principal atestado de aprovação. Se, por um lado, isso nos alegra e anima, por outro multiplica nossa responsabilidade e compromisso de oferecer um cruzeiro cada vez melhor, a cada ano, sem-

pre repleto de alegria e inovações. Neste cruzeiro, por exemplo, comparado com o do ano passado, dobramos o número de profissionais de dança de salão, para não frustrar principalmente o público feminino; e introduzimos a Mostra Paralela de Tango. Para 2006, tenham certeza, nossos planejadores estarão pensando em mais novidades, que serão anunciadas em breve para permitir desde já o melhor planejamento das suas férias a bordo.

Esta postura explica o sucesso da nossa empresa, líder de mercado na América do Sul e na Europa. Nossa oferta de cruzeiros nesta temporada cresceu 80%, com nove roteiros de 5, 6 e 7 noites, além de três minicruzeiros de 3 e 4 noites. Para quem está na 56ª temporada consecutiva, seria até compreensível, ainda que não aceitável, um certo acomodamento, típico dos vencedores que se acostumam com bons resultados. No entanto, não é isso que ocorre. Isso não sustentaria por muito tempo nosso índice de 98% de aprovação no item “satisfação”, o melhor do mercado. Cada temporada, e



cada cruzeiro, para nós é como se fosse um momento único, em que cada pessoa (mais do que passageiro, um hóspede) tem que viver um grande sonho. Superar-se sempre, o tempo todo, é o mote da Costa. O Dançando a Bordo, caçula das nossas viagens temáticas, está nesta escalada.

Na temporada de verão 2003/2004 foram 92 dias de operação, com dois navios e 25.864 hóspedes. Registrou-se, de dezembro a março, 100% de ocupação dupla preenchida e 118% de ocupação total, incluindo terceiros e quartos hóspedes na mesma cabine. Foram recordes e superação de metas estabelecidas, consolidando a Costa na liderança do mercado sul-americano. É interessante observar o crescimento do segmento dos grupos, na sua maioria formados por agências de viagens, que subiu de 10% para 23%. Esses grupos de afinidade, como o dos dançarinos, do pessoal do fitness, de viagens empresariais de incentivo, entre muitos outros, hoje formam uma base sólida de ocupação das cabines dos navios da Costa, onde navegar com con-

forto, alegria e segurança de alta tecnologia são itens de excelência.

É interessante apontar alguns números. Em âmbito mundial, a Costa chegou a receber 17 mil reservas em apenas uma semana. O recorde foi brasileiro, com 711 reservas num único dia. Dados mundiais consolidados registram faturamento de 786 milhões de euros, 7,2% a mais em comparação com a temporada 2001/2002. Foram embarcadas 557.300 pessoas, com aumento de 21%. O índice de passageiros/dia foi de 4.315, com elevação de 19%.

É claro que a companhia ganha, mas não ganha sozinha. Esse sucesso requer inimaginável logística de abastecimento, assistência técnica, fornecedores de milhares de itens, tripulação altamente especializada, técnicos e artistas contratados, estratégia em terra de serviços, vendas e marketing, e vai por aí, numa corrente imensa geradora de empregos e negócios. Comemoramos então não apenas nosso triunfo, mas também o êxito de uma vasta rede de colaboradores e parceiros que fazem das viagens nos navios da Costa momentos realmente mágicos. Nada disso teria sentido sem vocês, queridos hóspedes. Sintam-se em casa. Divirtam-se! E dance como nunca!

A promissora rota dos cruzeiros no futuro

A Costa Cruzeiros está operando no limite neste verão brasileiro, com uma demanda reprimida estimada entre 10% e 15%. Traduzindo: só não tem mais passageiros porque não existem cabines para todos os interessados. Se o Costa Victoria e o Costa Tropicale fossem ainda maiores, e o verão mais longo, teria pelo menos uns cinco mil hóspedes a mais. Esses cálculos são de Adrian Ursilli, 34 anos, cinco na empresa, gerente de vendas e marketing da Costa Cruzeiros no Brasil.

É nesse panorama animador, mas com prudência, que Adrian entra no sempre complexo campo das previsões. O futuro depende de inúmeros fatores, sobretudo nas economias do Brasil e Argentina, na rota do Atlântico Sul. Mas se persistirem as condições atuais já estará bom demais. Como ele diz, “o futuro é agora, já está acontecendo”. Este é um dos grandes momentos das operações da companhia no Brasil. O gráfico de vendas dos cruzeiros da Costa mostram uma curva ascendente nos últimos dez anos. Ele salienta que o bolo do turismo mundial, como um todo, cresceu entre 6% e 7%, sendo que a fatia dos cruzeiros marítimos foi das mais generosas, variando entre 11% e 12%.

Como o mercado segue em rota de crescimento, no Mediterrâneo, Caribe e Atlântico Sul, a Costa vem investindo pesado: em 2006 deve receber do estaleiro, na Itália, o Costa Concórdia, colosso de 112 mil toneladas, para 3.800 passageiros. Em 2007 entra seu irmão gêmeo, também em construção neste momento, e que



Adrian Ursilli: bolo do mercado cresce, com mais gente saboreando

ainda não tem nome. A venda do Costa Tropicale, em outubro próximo, já noticiada nos jornais, será toda injetada nestes investimentos.

O crescimento do setor, com a oferta de muitos navios, se reverte em vantagens para os clientes, pelas leis da economia de escala. O escasso e a pouca capacidade, no passado, encareciam os custos. Adrian observa que os preços dos cruzeiros estão ficando cada vez mais acessíveis, sem prejuízo do glamour que é viajar de navio. A diferença é que ocorreu uma democratização, antes só uma pequena elite podia. Nem por isso a Costa deixa de inves-

tir nos seus cruzeiros temáticos, cada vez mais empolgantes, como o Dançando a Bordo. “Antigamente um cruzeiro de uma semana chegava a custar 1.500 dólares. Hoje, já se pode viajar com preços entre 700 e 800 dólares”, comenta. O preço, claro, é importante, mas não é tudo. “Pesa muito o conceito, construído pelo Francisco Ancona na Comunicação, o jornal **Dance** publicando, a Costa investindo. A ideia de fazer um cruzeiro cresce e, de repente, a gente escuta pessoas que nunca tinha pensado nisso fazendo planos”.

Milton Saldanha

Terminais fazem a diferença

O Brasil certamente ainda vai ter que esperar algum tempo, porque aqui o mercado de cruzeiros marítimos ainda é uma criança quando comparado com a tradição européia e com o poderoso turismo do Caribe. Mas é de ficar com água na boca ouvir Adrian Ursilli descrevendo os terminais marítimos da Costa Cruzeiros, como são chamadas as estações, totalmente privativas, de embarque e desembarque de passageiros. A Itália, sede mundial da companhia, está muito bem servida. O mais completo e deslumbrante é o terminal de Savona, o Palacrociere, com três andares, 8 mil metros quadrados revestidos de vidro, e uma plataforma de 400 metros, também exclusiva, de atracação dos navios. Ali não se faz um mero check-in. O terminal é uma verdadeira extensão, em terra, do conforto e até das atrações de bordo. Tem áreas temáticas de entretenimento, auditório para conferências, snack bar, terraço panorâmico, Palalounge, Internet Café, sala VIP para os hóspedes das suítes, espaços para recreação de crianças e de adolescentes e vai por aí.

A companhia também opera a partir de outros pontos, como Fort Lauderdale, na Flórida, República Dominicana, no Caribe, Barcelona, na Espanha, Veneza, na Itália. Civitavecchia, o “Porto de Roma”, a 70 km da capital italiana, é a mais nova opção de embarques na Itália. Mas é nas cidades de Barcelona e Civitavecchia que os próximos investimentos em terminais marítimos ocorrerão. **M.S.**

Entrevista: Francisco Ancona Lopez

A arte de fazer cruzeiros temáticos

Foto: Milton Saldanha

Ele criou e coordena os cinco cruzeiros temáticos da Costa Cruzeiros – Natal das Flores, Prata All'italiana, Bem Estar, Fitness e este Dançando a Bordo. Coordena é apenas uma maneira formal de falar. Na verdade, Francisco cuida destes eventos com a dedicação de um pai zeloso e orgulhoso. Às vezes chega a ser surpreendente, para quem dirige uma agência de publicidade, portanto ocupadíssimo, a forma como se envolve nos mínimos detalhes para que tudo saia perfeito. Como cada um destes cruzeiros mobiliza uma rede de pessoas, cada uma com determinada especialidade, e como muitas delas se reportam diretamente a Francisco, solicitando atenção para os mais variados assuntos, dá para imaginar como fica sua agenda todos os dias. Não pára: liga-se no celular e, de repente, ele está em algum lugar do Brasil, ou do exterior. É assim na maior parte do tempo. Só de navegação deve ter umas mil horas. De vôo há muito já perdeu a conta. Formado em 1980 pela FAAP (Fundação Álvares Penteado, de São Paulo) em Publicidade e Propaganda, muito antes de entrar na faculdade já sabia na prática o que é o ramo, pois desde 1976 já trabalhava com o pai, Itálico Ancona Lopez, que foi dono de agência, publicitário e jornalista renomado no meio. A irmã, Chiara, seguiu a mesma trilha. É sócia de Francisco na Ancona Lopez Publicidade. E Rodolfo, o irmão, optou pela fotografia e cinema, com studio próprio, o Ruda, que produz as belas fotos dos navios da Costa. Com 46 anos, quase 29 na publicidade, Francisco Ancona também muito cedo passou a cuidar de contas no setor de turismo, em todas as áreas, como hotéis, resorts, operadoras, agências, destinos no Brasil e no exterior, companhias aéreas e marítimas, especialmente Costa Cruzeiros. Virou especialidade e paixão.

Dance – Qual é a principal vantagem do seu conhecimento do turismo como negócio?

Francisco – Poder enxergar o mercado de forma ampla. Isso nos permite diálogo, diagnóstico, soluções de forma rápida e, na medida do possível, eficiente. Nosso diálogo com empresários do setor é de quem está no negócio. Isso, sinceramente, não é fácil de encontrar nas agências que atendem o mercado de turismo. Não ficamos só na criação e veiculação. Sempre vamos além, propondo soluções que fujam do convencional.

Dance – E o que é o convencional?

Francisco – Criar um folheto, um anúncio, publicar, mandar a fatura e receber a comissão. Nós vamos muito além, diagnosticando oportunidades, problemas, tendências. E a partir daí desenvolvemos novas idéias e projetos.

Dance – Por exemplo?

Francisco – Este Dançando a Bordo, que foi um sucesso imediato. Um grande evento temático.

Dance – Como surgiram as relações com a Costa Cruzeiros?

Francisco – A Costa está no Brasil há mais de 50 anos. Quando comecei a trabalhar na agência do meu pai, ela não se chamava Costa, era a Línea C, que operava cruzeiros mas de uma forma mais modesta. Operava em duas frentes, com linhas regulares Brasil-Europa, navios que



Francisco Ancona: o sucesso do Dançando a Bordo decidiu sua imediata incorporação

chegavam e voltavam todos os meses. No verão fazia cruzeiros costeiros, mas com navios muito menores e público muito elitizado.

Dance – Uma grande mudança...

Francisco – Não há como comparar. Hoje a Costa transporta quase 50 mil turistas em dois meses e meio, em navios do porte do Costa Victoria e do Costa Tropicale. Tivemos no passado o Eugênio C, que era um grande navio mas fazia poucas viagens, e longas. Eram temporadas com 5 a 8 mil brasileiros viajando. A empresa operava também com navios de carga. Hoje é outra realidade. Então, na época, a agência do meu pai resolvia pequenas necessidades que surgiam, porque não se fazia um trabalho de marketing. Um ou outro pequeno anúncio resolvia. Foi nesse contexto que entrei no processo e me sinto privilegiado por ter assistido a transformação disso tudo, chegando aos dias de hoje, e de já estarmos pensando nos próximos cinco e até dez anos.

Dance – A marca Línea C existiu até que ano?

Francisco – Até a metade dos anos 80. Foi sucedida pela marca Costa Crociere, na Itália, que aqui traduzimos por Costa Cruzeiros. Já está mudando, mas até recentemente a gente ouvia as pessoas falarem Línea C, foi uma marca muito forte.

Dance – Como aconteceu essa transição?

Francisco – De forma impactante, e com situações curiosas, como os primeiros eventos especiais a bordo de navios. Lembro da gravação de um programa especial para a TV Bandeirantes, apresentado pela Sandra Breia, que era atriz, dançarina e cantora, muito famosa. Lembro também da participação do saudoso Jessé, do Trio Los Angeles, Zizi Possi iniciando a carreira. Havia também outros artistas e cantores. Esse especial se chamou "Rumo ao Verão". Foi gravado no Enrico C, um navio antigo, e alcançou muita repercussão porque era algo novo. Agora você liga a TV e vê navio no Fantástico, em

comerciais, em toda parte. Na época navio era um sonho, algo muito vinculado ao smoking, ao fraque, aos vestidos longos, grandes orquestras com metais.

Dance – Coisa bem de filme...

Francisco – É, de filme, era uma imagem muito diferente. Esse evento foi uma das primeiras coisas que organizei. Eu tinha uns vinte e poucos anos de idade. Lembro-me também de um evento especial, que considero uma semente dos cruzeiros temáticos. Foi o lançamento de uma coleção de moda masculina, num cruzeiro de Natal no Eugênio C, em 1985. A marca era do ex-jogador e atual comentarista de futebol, o Paulo Roberto Falcão. Ele morava na Itália e tinha virado uma espécie de símbolo de elegância. Estava tudo certo para a viagem, ele iria passar dez dias com os passageiros, seria uma sensação. A viagem começaria no sábado, com convidados, editores de moda a bordo, fizemos coletiva de imprensa, etc. Na sexta, o Telê Santana convoca o Falcão para a Seleção, para se apresentar no domingo. Estragou a festa, mas mantivemos o circo em pé, com a participação de alguns dos principais modelos da época. Assim mesmo o desfile foi um sucesso e o próprio Falcão lamentou muito não ter ido.

Dance – É muito claro para todos que conhecem Francisco Ancona o quanto sua atividade ultrapassa o âmbito da consultoria. Veste a camisa, assume a marca, e atua como se fosse um executivo da própria empresa. A que se deve isso?

Francisco – A diversos fatores: sou apaixonado pela empresa, pelos cruzeiros, pelo turismo. Não só cruzeiros, gosto muito também de destinos turísticos, do negócio hoteleiro. Isso tudo é estimulante e me sinto muito à vontade. A gente aprende um pouco a cada dia, e esse é o segredo. Então já consigo enxergar com muita nitidez quais podem ser algumas oportunidades, as eventuais carências e lacunas a serem preenchidas, etc. Logo, na medida em que encontro pes-

soas que me dão espaço para desenvolver idéias, me realizo profundamente. Tem sido o caso com a Costa.

Dance – Como surgiram os cruzeiros temáticos?

Francisco – Aqui no Brasil foi em 1994. Sei que no mundo já realizavam cruzeiros musicais e gastronômicos, no Mediterrâneo, no Caribe, naqueles cruzeiros fluviais pelo Reno. Aqui ninguém tinha olhado para este segmento. A indústria dos cruzeiros começava a competir num mercado onde se multiplicavam as opções. Há 12 anos surgiram os primeiros resorts, o mundo estava se globalizando, ficou muito fácil ir para o exterior, o câmbio favorecia, surgiu o Plano Real. Tradicionalmente, mesmo no verão, período de férias, sempre existem aquelas saídas difíceis. Como, por exemplo, aquele cruzeiro na semana antes ou depois do Carnaval. Pô, é alta temporada, todo mundo sai, como é que você vai encher um navio num período assim? Que argumento usar? Essas questões, e outras variáveis, foram objeto de discussão numa reunião com diretores brasileiros e italianos. Foi quando eles nos ensinaram o estímulo para criar algum projeto diferenciado. Assim surgiram, inicialmente, os cruzeiros Fitness e Dançando a Bordo, no Eugênio C. O cruzeiro Antártida transformamos em Ecológico, contratando conferencistas especializados. Um deles foi o jornalista Ulisses Capozzoli, que esteve nas expedições do navio oceanográfico Barão de Teffé, passou meses na Antártida, e além das matérias escreveu um livro sobre o tema, que inclusive foi distribuído em todas as cabines. Depois vieram outros temáticos, voltados para o mundo esportivo, com cronistas e atletas famosos; para a gastronomia, assinado pelo grande chef italiano Giancarlo Bolla, e assim por diante.

Dance – Puxando a brasa para nossa sardinha, queremos ouvi-lo sobre o Dançando a Bordo.

Francisco – Tamanho foi o sucesso, que foi imediatamente incorporado. Deixamos de fazer o cruzeiro temático para contratar regularmente três casais de professores de dança de salão para todas as viagens. Ou seja, todos os cruzeiros passaram a ser fortes em dança de salão.

Dance – Em cada temático muda muito o perfil do hóspede?

Francisco – Eles são, por conceito, cruzeiros por afinidade. Sempre buscamos atender públicos de temas que tenham uma base de mercado expressiva. A dança de salão tem uma base enorme e crescente. O Fitness já é um clássico. O Bem Estar está em terceira edição e mexe com temas muito fortes, como nutrição, longevidade, terapias alternativas e muitos outros. Só evitamos ser específicos demais, porque também não adiantariam outros excelentes temas mas com pouco apelo comercial, isso é uma realidade, porque sem passageiros não há cruzeiro. O Dançando a Bordo e o Fitness são os que apontam maior venda por grupos. Praticamente 40% dessas ocupações se devem a grupos de afinidade. Mas observe que esse número dobra porque nem todo praticante de ginástica, ou de dança, embarca com um grupo. Muitos fazem isso individualmente. Assim, afirmo, sem medo de errar, que entre 70% e 80% do público desses cruzeiros vem motivado pelo tema. Voltando à dança, gostaria de enfatizar meu entusiasmo por esse cruzeiro, porque a dança é a essência e a reunião de todos os outros temas. É o exercício da felicidade. Combina muito com o navio!

Milton Saldanha

Saiba que...

- O navio Costa Victoria desloca 75 mil toneladas.
- Tem 253 metros de comprimento.
- 964 cabines, 246 com varanda, 20 suítes e mini suítes.
- 4 restaurantes, incluindo o Magnifico by Zeffirino, com menu gastronômico sob reserva.
- 12 elevadores, inclusive panorâmicos.
- 10 bares.
- 3 piscinas, incluindo uma interna aquecida.
- 4 jacuzzis para hidromassagem.
- 650 poltronas no Teatro Festival (veja mais detalhes na matéria sobre o balé).
- Academia de ginástica, salão de beleza, salas de massagem e tratamentos, sauna e banho turco.
- Quadra de tênis, reversível também para basquete, vôlei, futsal.
- Pista de jogging, com 500 metros e diretamente ligada à academia de ginástica.
- Solarium, para banhos de sol com total tranquilidade.
- Concorde Plaza, na proa, misto de observatório durante o dia e salão de festas à noite, com 3 andares ligados por escadas e um elevador panorâmico.
- Cassino super equipado, com 12 mesas e 140 máquinas.
- Galeria com 5 lojas duty free.
- Salões de bailes, discoteca.
- Sala de recreação infantil.
- Biblioteca.
- Cinema.
- TV Costa Victoria, de circuito interno.
- Sala para conferências, com telão e outros equipamentos.
- E muito mais.



ESCOLA BAILE

Dança de Salão

Domingos e Nanci

Aulas de segunda a sexta 14h e 20h

R. Cipriano Barata, 1066 – Ipiranga

Tels.: 6915-8093 ou 9944-1439

www.escolabaile.cjb.net

Escola-baile@ig.com.br

Paulo Aguiar

Aprenda a dançar sem sair de casa, através de DVD ou vídeo-aula com Paulo Aguiar. Forró, salsa, merengue, pagode, gafeira, tango, bolero, soltinho e zouk. Site: pauloaguiar.cjb.net

Tels. (11) 5589-9913

6836-6602 / 9357-6688

Carla Salvagni dança há mais de 30 anos, sendo 17 desses com prática e pesquisa específica de Dança de Salão.

Em 2004 lançou o primeiro curso de Extensão sobre Ensino da Dança de Salão na FMU. Representou o Brasil com Chico Peltier no maior campeonato da Ásia, a NHK Cup, arbitrando, dando palestras e shows.

Procura ampliar e divulgar o conhecimento acadêmico das origens, estrutura, ensino e benefícios da dança de salão.

Com sua equipe especializada, prepara professores de dança de salão e competidores de dança internacional (dancesport).



CARLA SALVAGNI

COOPERATIVA DA DANÇA
ESPECIALIZADA EM DANÇA DE SALÃO

Tel.: (11) 5052-9443

Av. Lavandisca, 662 – Moema – São Paulo/SP

Cadastre-se no site

www.geocities.com/carlasalvagni

e receba o e-jornal com

a programação de cursos regulares, cursos para professores e eventos.

Havanatur do Brasil, el especialista de Cuba.

APRESENTA

BAILANDO EM CUBA

Uma viagem para quem gosta de natureza, história, cultura, música e... dança, muita dança.

INCLUI passagem aérea CUBANA de AVIACIÓN São Paulo-Havana-São Paulo, 5 noites de hospedagem em Havana (Hotel Kohly - meia pensão), 1 noite de hospedagem em Varadero (Hotel Arenas Blancas - all inclusive, todos os transfers em Havana e Varadero em ônibus exclusivo, assistência especializada com guia em português, city tour em Havana, visita às Casas de la Musica e participação em espetáculo, atividade na Asociación Yoruba, nobes especiais no cabaré Macumba Habana e no Mambo Club de Varadero.



Bailando em Cuba

19 a 26 Março 2005

Preço total do pacote (por pessoa)

US\$1.183

Preços por pessoa em apto. duplo, categoria turística. O valor em US\$ serão convertidos em R\$ ao câmbio turismo do dia do fechamento do pacote. Tarifa sujeita a reajuste sem prévio aviso. Taxas de embarque (US\$ 25 em Cuba e R\$ 104 no Brasil; referência em 07/12/2004) e visto cubano (US\$ 15) não incluídos. Hospedagem conforme hotéis mencionados. Saídas de São Paulo. Lugares sujeitos a disponibilidade. Consulte condições específicas, junto à Havanatur.

EMPRETELA - BRASIL ASSOCIADA

Consulte seu agente de viagens ou: Av. Ipiranga, 104 - 22º andar - Conjunto 224 - CEP 01046 010 - São Paulo - SP
Tel. 11 3237-4811 - Fax 11 3159-3695 - gerencia@havanatur.tur.br - www.havanatur.tur.br

**havanatur
do Brasil**



**DIVERSÃO
COM
QUALIDADE
E TRADIÇÃO**

Stella Aguiar
NÚCLEO DE DANÇA

**DANÇA DE SALÃO, VENTRE,
SAPATEADO, FLAMENCO,
JAZZ, STREET, BALLET.**
Aulas particulares e Shows

Av. Jurema, 495 - Moema - SP
Tel: (11) 5055-9908
www.stellaaguiar.com.br

Kishikawa Dance Academy

INTERNATIONAL BALLROOM DANCE
Slowfox, Quick, Valsa, Tango, Valsa Vienense,
Rumba, Cha Cha Cha, Jive, Paso Doble, Samba

PROF. BILL KISHIKAWA
*Prof. Diplomado "Teacher of Dance" da IDTA (International Dance Teachers Association),
fundada em 1903, na Inglaterra. Juiz oficial da Competição Internacional.*

Rua Pandiá Calogeras, 108 - Liberdade.
(11) 5687-6863 / 5548-3733 / 9605-0324 / 9729-0504
www.geocities.com/kishikawa_dance

*Em março matrículas abertas para samba
de gafeira e bolero, no **Tango B´Aires***

**No topo do mundo 2005
Dança de Salão**

- Particulares e residenciais, condomínios e empresas, clubes e academias
- ABC - São Paulo - Interior
- Básico, iniciante, intermediário
- Bolero - Samba de Gafeira - Forró - Salsa - Zouk - Milonga - Tango de Salão

(11) 4452-2640 / (11) 9783-4524 / (11) 7207-6003
chinadds@ig.com.br ou qmacedo@uol.com.br

O Tango, Uma Possibilidade Infinita!
O Tango mais que uma dança é um abraço entre duas almas.

Aulas para iniciantes, intermediários e avançados.
Oficinas de especialização para dançarinos e professores.
Disponibilidade de horários: manhã, tarde e noite

Tango B´Aires
Informações: 5575-6646
9258-5270

Direção Geral:
Carolina Udoviko (*)
Omar Forte (*)

Rua Amancio de Carvalho 23
Vila Mariana - SP

(*) Professores formados pela
Universidad del Tango de Buenos Aires

www.zais.com.br



"A casa mais dançante"

Você não tem Dançando a Bordo o ano todo.
Mas tem a *ZAIS!*

(Todos os sábados, segundas, quintas, sextas...)
Música ao vivo e DJ

5549-5890 / 5539-8082
Rua Domingos de Moraes, 1630 - Vila Mariana - Metrô Vila Mariana



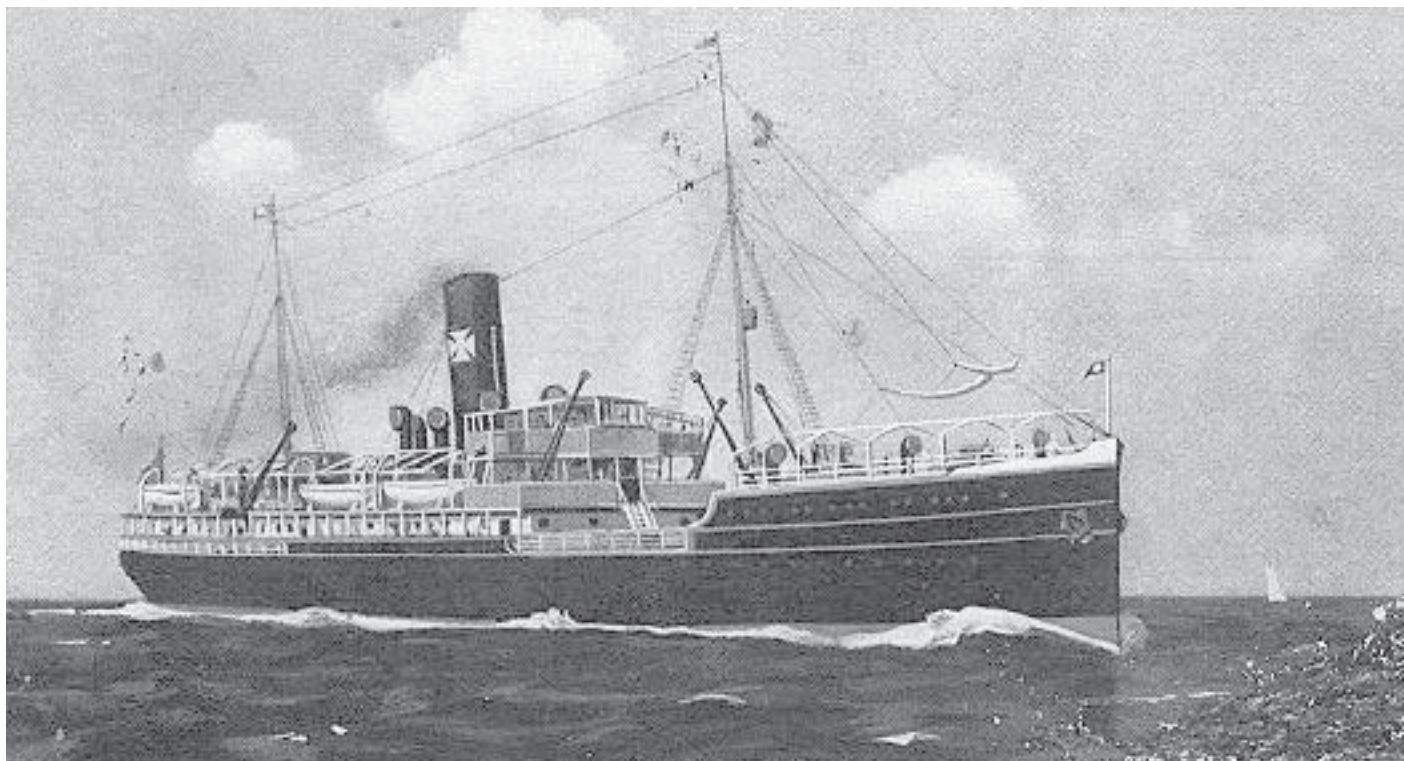
Direção
Carlos Garcia
Relações Públicas
Humberto Miranda

ZoukMania
Todas as quintas (20:30) Com a banda Zouklou
Maestro Manoel Cordeiro
Aulas com prof. Philip Miha

Sextas e sábados **MPB e shows**

Consulte nossa programação no site

Rua Cardeal Arcoverde, 2899 - Pinheiros - 3813-8598
www.cariocaclub.com.br - Estacionamento c/ manobrista na porta



Viajar no Itatinga, no início dos anos 50, foi uma aventura impossível de esquecer

Rara imagem do Itatinga, achada na Internet. Reprodução de postal da coleção de Sílvio Smera.

Lembranças dos velhos Itas, quando navegar era uma dura aventura

Pelotas, RS, 1954. É uma manhã de sol, deve ser novembro, tenho 9 anos, e chego no acanhado porto com minha mãe e três irmãos, cheios de malas. É a primeira vez que vejo um navio de perto e mal posso acreditar que vamos viajar nele, e ainda por cima para o Rio de Janeiro, a capital federal, para onde naqueles anos se voltam todas as atenções nacionais. O garotinho que eu era fica extasiado, de olhos estalados, mal piscando, com a visão do Itatinga atracado, com seu casco preto e aqueles mastros projetados contra o céu. Na chaminé, a grande Cruz de Malta, símbolo da Costeira, que estaria em toda parte, nos papéis timbrados, nas bóias salva-vidas, bordada nos guardanapos.

O Itatinga era um dos célebres Itas, como ficaram conhecidos os navios da Companhia Nacional de Navegação Costeira, uma autarquia federal que

O músico só sabia tocar uma música

transportava passageiros e cargas pelo litoral brasileiro, deste Porto Alegre, pelo estuário do Guaíba, até Manaus, pelo rio Negro. As viagens eram longas e demoradas, eles iam fazendo escalas na maioria dos portos da costa, carregando e descarregando cargas, em operações que duravam de dois a três dias. Nós ficávamos debruçados nas amuradas durante horas vendo aqueles guindastes subindo e descendo dos porões com pilhas de sacas de cereais, que depois eram carregadas nos ombros por fortes e suados estivadores de torso nu. Só de Pelotas ao Rio a viagem demorava 15 dias, com paradas em Rio Grande, Paranaguá, Antonina e Santos.

No meu imaginário de garoto, o Itatinga, deslocando 2.150 toneladas (o Costa Victoria deslo-

ca 75 mil toneladas), com seu único motor a vapor de 6 cilindros, e velocidade máxima de 7 nós (cerca de 10 km/hora), era maravilhoso! Ao entrar e sair dos portos a gente olhava as embarcações menores com desdém. O nosso navio sim era majestoso, um verdadeiro cisne negro, o rei dos mares. Zarpamos de Pelotas quase no final da tarde. A navegação pela Lagoa dos Patos foi uma festa, tudo lisinho, estabilidade absoluta. Quando cruzamos a barra e entramos no mar aberto o Itatinga começou a pular. Balançava ora no sentido longitudinal, ora no lateral. Nos primeiros minutos aquele balanço foi uma farrá. Em menos de meia hora já estávamos pálidos. De vez em quando alguém saía correndo, mãos na barriga e na boca, debruçava-se na amurada e lá ficava prostrado, despejando tudo. Nós, crianças, não nos dávamos a esse trabalho, e nem podíamos, pelas recomendações infinitamente repetidas para não se pendurar em locais perigosos. O alívio, se é que dá para chamar assim, era feito em qualquer lugar, depois alguém limpava. A precariedade era tanta que não existiam saquinhos para enjôo. Isso, amigos, só não durou os 15 dias porque havia as escalas. Lembro-me de uma senhora que se trançou em sua cabine, na cama, como se estivesse morrendo, e de lá só saiu quando a viagem acabou. Nunca mais deve ter pisado num Ita.

Eram navios a vapor, abastecidos com carvão catarinense no porto de Imbituba. Chamavam-se Itas porque todos tinham algum nome tupi-guarani. Havia o Itaguassu, Itaberá, Itapé, Itanagé, Itajubá, Itaimbé, Itahité, Itaúba, Itapagé, Itassucé. O Itaquatiá, no qual retornamos do Rio para o Sul, um ano depois, foi totalmente construído no Brasil, inclusive o sistema de propulsão, no estaleiro da Ilha Viana, no Rio, do lendário empresário e armador Henrique Lage. Foi inaugurado em dezembro de 1919, com grande repercussão. Junto com o Itaguassu, também fabricado no Brasil, eram os maiores navios até então produzidos na América do Sul. O Itapagé teve um fim trágico, em 26 de setembro de 1943: foi torpedeado pelo submarino

alemão U-Boat 161 e afundou a 12 milhas da costa, em Alagoas. A comoção popular apressou a entrada do Brasil na guerra. Existem fotos dos seus restos na Internet, feitas por mergulhadores. O Itatinga era de 1912. Tinha 42 anos quando nele subimos o litoral. Só esse dado já dá uma dimensão do que foi nossa aventura marítima.

O navio era assim: 87,46m de comprimento total, 13,10m de boca (largura), 4,57m de calado (profundidade do casco abaixo da linha d'água), dois porões na proa, dois guindastes laterais, ponte de comando, instalações da tripulação, cabines para 140 passageiros (exatamente o número só de garçons do Victoria), um restaurante e um pequeno salão com mesinhas onde todos ficavam o tempo todo, porque não havia outro lugar para ir. A animação de bordo ficava por conta da imaginação dos próprios passageiros. Alguns passavam horas jogando baralho. Quem tivesse algum dote artístico exibia-o nas reuniões noturnas. Qualquer bom contador de piadas fazia sucesso e ganhava aplausos. O problema é que o estoque acabava rápido. O único "músico" a bordo era um garoto aprendiz de acordeon, o Alceste, que anos depois se tornou profissional e dono de banda. Só sabia tocar uma música, "João Balaio", e nos brindou a viagem inteira com este rico repertório. Havia também sempre um bailinho, que jamais enchia a minúscula pista e acabava cedo. O som era em eletrola, grande móvel conjugado de rádio e toca-disco, não existia sequer o LP de vinil, só aqueles pesados e quebráveis discos de cera. Quando a música acabava, tinham que virar ou trocar o disco. Nunca tinha pensado nisso, mas hoje me intriga a solução que devem ter encontrado para a agulha não sair do lugar com o balanço. Era tanto, que você sentado, olhando pela janela, ora subia vendo o mar, ora descia vendo o céu. Mesmo com tempo bom.

Hoje não sei dizer se a comida era boa ou ruim, mas lembro-me bem da minha mãe sempre reclamando de indesejáveis passageiras, as baratas. Bom mesmo era nas escalas, descíamos em bando para passear, todos com incrível bom-humor e alegria.

Além de lento e balançar como o diabo, o Itatinga navegava adernado, ou seja, inclinado para a esquerda. Alguns supostos entendidos diziam que era por causa de um defeito na propulsão, uma das duas hélices teria rotação mais potente. Nunca soubemos se isso era verdade, porque os oficiais não comentavam o assunto.

O mais inacreditável de tudo é que existia a segunda classe. Ficava num porão, na proa, justo a parte que mais balança. Não havia cabines, as pessoas dormiam em redes. Os Itas, assim como os caminhões pau de arara, ficaram célebres no transporte dos retirantes que deixavam o Nordeste em busca de sonhos, ou de esperança, no Rio e no Sul. Durante o dia eles ficavam sentados, geralmente calados, no meio daquela parafernália de cabos e correntes da proa. Eram famílias com crianças, inclusive bebês. Acho

O bailinho nunca enchia a pista e acabava cedo

que nunca esquecerei a tristeza daquelas pessoas, e tenho certeza que isso ajudou a forjar minha formação humanista.

A volta do Rio, até Porto Alegre, no Itaquatiá, foi quase uma reprise da viagem no Itatinga. Mas foi mais branda, o navio era um pouquinho menos precário, e as condições do mar também ajudaram. Hoje lembro-me daquilo tudo como se fosse um filme de época. A bordo deste Costa Victoria é saboroso lembrar dos velhos Itas. Isso me dá uma visão privilegiada da evolução da indústria naval. Foi sofrido, é verdade, mas teve também seu lado divertido e enriquecedor, impossível de algum dia esquecer.

Milton Saldanha

Per fil: Naim Ayub, diretor de cruzeiro

De olho na qualidade total

Foto: Milton Saldanha

— Booa taardee ! Bem vindos a bordo do Costa Victoria !

Ele é o dono da voz que você ouve no som do navio.

— Respeitável público ! (Brincando, imitando apresentador de circo).

Ele é o diretor e apresentador dos espetáculos no Teatro Festival.

Cuida do embarque e desembarque dos passageiros. Preenche relatórios os mais diversos. Assina memorandos. Manda e recebe e-mails. Edita o "Today", nosso indispensável jornal diário de bordo. Faz reuniões com passageiros. Ensaios com bailarinos e cantores. Cuida de tudo um pouco, incluindo aí os imprevistos, com a responsabilidade de chefiar muitas pessoas.

Tenha o prazer de conhecer Naim Ayub, o diretor de cruzeiro.

Não, ele não será visto com o uniforme branco dos oficiais. Sua atividade e formação é diferente. O cruzeiro tem que ser maravilhoso, é o que a companhia e os hóspedes desejam, e o diretor de cruzeiro está lá justamente para isso. Seu dia a dia é 100% dedicado a esta meta. Só não pode controlar a meteorologia, se vai chover ou fazer sol, mas ah... bem que gostaria. Não teria dia sem piscina.

Exageros à parte – o navio, claro, é uma grande e dedicada equipe – Naim Ayub tem o perfil talhado para a espinhosa função. Não se assustem com a palavra. Em determinadas circunstâncias é espinhosa sim, por mais glamour que também tenha. A razão é muito simples: as pessoas não são iguais, não têm a mesma idade, não pensam da mesma forma, não compartilham necessariamente dos mesmos hábitos e gostos. Nem reagem da mesma forma, seja nas emoções e alegrias, seja nos eventuais contratempos. Num cruzeiro temático como este Dan-

çando a Bordo essas diversidades até que ficam bem atenuadas. Ninguém, por exemplo, vai reclamar da música, som alto, nem de casais dançando ao lado da piscina. Mas, mesmo assim, é o normal, sempre haverá quem queira mais este ritmo do que aquele. E nem todos os cruzeiros são iguais. Quando menos se espera, a população a bordo está formada por gregos e troianos, coríntios e palmeirenses, notívagos e sonolentos. Todos merecem o mesmo respeito e atenção. Resumindo: Naim tem que praticar com muita diplomacia a desafiadora arte de conciliar gostos, interesses e, se bobear, até conflitos, porque o ser humano é assim mesmo.

Quem já conhece Naim Ayub de outros cruzeiros fica sempre surpreendido com sua inesgotável energia, disposição, bom astral. "O homem é uma turbina", comenta um professor de dança que já tinha trabalhado com ele nos tempos do Eugênio C.

Esse temperamento, aos 41 anos de idade, 18 na Costa Cruzeiros, tem tudo a ver com sua formação e histórico de vida. Aos 4 anos já estava na escola. Aos 19, formado na faculdade, em Educação Física. Mas garante, apesar do que essa precocidade aparenta, que nunca estudou muito, apenas prestava muita atenção nas aulas. O pai, de origem síria, comerciante em Ribeirão Pires, um dos municípios da Grande São Paulo, sonhava com o filho assumindo os negócios da família. Não teve jeito, a vocação era outra. Deixou isso para o único irmão, três anos mais velho.

Entrou de cabeça no atletismo. Praticando, pasmem, lançamento de martelo. Teve que parar por problemas de joelhos e se transformou em técnico. Trabalhou nessa atividade profissionalmente durante seis anos, contratado pela Prefeitura de Ribeirão Pires. Numa mudança de prefeito demitiram todo mundo. Foi convidado

a ser secretário de esportes. Aceitou e organizou os jogos internos da cidade e depois jogos regionais. Mais tarde organizou uma delegação, com os melhores atletas, e foi disputar os jogos de Cubatão. Foi uma fase da sua mocidade de grande curtidão.

Certa vez Naim disputou uma vaga para comissário de avião, na Vasp. Foi recusado porque não falava um segundo idioma. Tomou isso como provocação. Na semana seguinte começou a estudar inglês, italiano e francês. Tudo ao mesmo tempo, com aulas todos os dias.

Cansado da rotina, em busca de melhores ganhos e desafios, acabou contratado pela Macro Lazer, empresa que oferecia serviços de entretenimento, inclusive para a Costa, no Brasil. Ficou três meses num empreendimento hoteleiro, em Búzios. Certo dia um diretor chama Naim, informa que rompeu o contrato com a Macro Lazer, e propõe que fique trabalhando com eles, ganhando mais que o dobro. "Não é ético", responde, e recusa. O diretor aumenta ainda mais a proposta. Naim recusa outra vez. É então indicado para o navio, como chefe da equipe de recreação infantil do Enrico Costa. O ano é 1987 e ele tem 24 anos. Depois de uma temporada na Europa, a Costa decide cancelar seus contratos com terceiros e montar sua própria equipe de animação. Ele é convidado para ser o chefe. Começa aí uma carreira que já arrancou promissora e só crescerá, com passagens por diversos navios da companhia.

Nos primeiros anos, nos intervalos entre as temporadas, mochilão nas costas e Europass no bolso (*voucher de trem válido por um mês*), ficava rodando pela Europa. Aproveitava para aprofundar-se ainda mais na prática de idiomas. Hoje é fluente, além do português, lógico, em inglês, espanhol, francês e italiano. Fala também um pouco de alemão, mas se considera li-



Naim Ayub: uma vida dedicada a alegria de bordo

mitado nesse idioma. "Nunca, na primeira fase da minha vida, tinha pensado nessa possibilidade de algum dia falar outros idiomas", observa.

O trabalho transformou Naim Ayub num cidadão do mundo. De vez em quando bate a saudade de casa, da família, e da sua Ribeirão Pires, onde não volta há dois anos. Mas ele afirma que mesmo com a renúncia de outras coisas, gosta muito do que faz. Nem precisaria dizer.

Milton Saldanha

Costa Tropicale também dança

O Costa Tropicale, que faz a rota do Atlântico Sul, cruzeiros entre Santos e Buenos Aires (além do Terra do Fogo) também tem um esquema profissional de animação com dança de salão. No gênero não existe nada comparável ao Dançando a Bordo, em nenhum navio, mas o trabalho no Tropicale, a propósito nosso querido navio onde tudo começou no ano passado, é dos mais elogiáveis, com aulas e bailes diários. O esquema é coordenado por Maurício Justiniano, veterano de muitas viagens, há seis anos, em variados navios da Costa. Ele não tem parceira nem equipe fixa. Há um esquema de revezamento, sempre dois casais, entre profis-

sionais da dança de salão. Quem mais participou foi a versátil bailarina Lucimara Lima, mes- tra tanto de tango como de dança do ventre. Já estiveram também, e de vez em quando voltam, Priscilla Paoli, Ana Paula da Silva, José Roberto Motta de Oliveira, Aline Lima Machado, Ivete Carnaúba Leite, André Luiz Magro, Fábio Reis Gomes, Rejanne Nascimento Silveira, José Pinto Júnior, Camila Moraes Ferreira dos Santos, Emilio Ohnuma, Priscila Moreira Baschera e Fábio Benjamin Rodrigues. A faixa etária dos hóspedes do Tropicale, na média, é levemente acima da predominante no Victoria. Como rota internacional, há também mais estrangeiros.

Novo navio

Costa Cruzeiros está encomendando ao estaleiro Fincatieri, de Gênova, Itália, mais um colossal navio, para 3.800 passageiros, com valor estimado de 475 milhões de euros. A previsão é que fique pronto na primavera europeia de 2007. E está em avançada construção um irmão gêmeo do Costa Concórdia, que deverá ser entregue no próximo ano. E o Costa Tropicale, primeiro da série Dançando a Bordo, em 2004, será vendido pela Costa Cruzeiros, em outubro, para a P&O Cruises Austrália, uma das 12 subsidiárias da Carnival Corporation.

Livro sobre bem-estar

Mauro Guisellini lançou nos cruzeiros Fitness e Bem-Estar o livro "Exercício e Bem-Estar", pela Phorte Editora, com 108 páginas. Cada cabine recebeu um exemplar. O prefácio é do consultor de marketing Francisco Ancona Lopez.

Bill Kishikawa

O professor Bill Kishikawa, de São Paulo, será homenageado no Baile de Gala. É um dos mais antigos professores de dança, especializado em ballroom, o estilo internacional. Recentemente foi jurado em concurso na Ásia.

Núcleo de Dança Stella Aguiar

O Núcleo de Dança Stella Aguiar está como convidado no Dançando a Bordo, no mesmo esquema que no ano passado trouxe o Espaço de Dança Andrei Udiloff. Impedida de viajar, por estar às vésperas de ter bebê, Stella Aguiar designou como representantes da academia os professores de dança de salão Kleber Serra e Mari Spaziani. O Núcleo de Dança Stella Aguiar, que por muitos anos foi itinerante, ensinando dança pelos mais diversos bairros de São Paulo, tem sede em Moema. É uma das mais atuantes academias do Brasil.

Encontro dos Veteranos

O "II Encontro dos Veteranos do Dançando a Bordo" será dia 12 de março, sábado, no salão de festas do Centro de Dança Jaime Arôxa, no Campo Belo, em São Paulo. A promoção, organizada por Regina Burin, sócia da academia, é gratuita e aberta a todos os interessados, alunos ou não da escola. Para ser considerado "veterano" basta ter participado do cruzeiro. No encontro, inclusive com música para dançar, o grupo projeta vídeos da viagem, curte e faz troca de fotos, etc. Cada participante leva algo de comer ou beber. Não há formalidades, basta chegar, a partir das 18 horas. Veteranos do cruzeiro de 2004 também estão convidados. Curiosos, idem. (11) 5561-5561.

Leia o Today

Today é o jornal diário de bordo, colocado nas cabines. Contém todas as dicas para o melhor aproveitamento da viagem, com locais dos eventos, horários, etc., além de conter informações gerais e úteis sobre o navio. Nele você fica sabendo todos os horários de partidas e chegadas. A penúltima edição do cruzeiro esclarece também sobre os procedimentos para desembarque. Consulte sempre o Today e depois leve a coleção como souvenir.

Edição de março

Cobertura completa do
Dançando a Bordo 2005

Amplio painel fotográfico com as melhores
cenas deste cruzeiro histórico

Além dos 10 mil jornais impressos,
integral na Internet
www.jornaldance.com.br

Bailarinos remontam grandes musicais em dez navios



Fotos: Milton Saldanha

Ballet do Costa Victoria, um grupo alegre e unido

No Costa Victoria são 12 bailarinos e dois cantores



Doina, cantora



Tiberius, cantor

É de dar inveja em qualquer companhia de dança: mundialmente, a Costa Cruzeiros contrata 170 bailarinos, divididos em dez navios. Esse pessoal é escolhido em audições especiais, em diferentes lugares mas principalmente na Inglaterra (já teve uma no Brasil, para o navio Costa Marina), e depois reunido em Gênova, no norte da Itália, para a montagem dos shows, sob a supervisão dos ingleses Gary Glading e Karen Langford. O contrato é sempre para uma temporada de seis meses.

Doze deles estão no Ballet do Costa Victoria, um grupo de 9 moças e 3 rapazes. Trabalham com eles um casal de cantores.

Uma jovem bailarina inglesa de 22 anos, delicada e gentil – Emma McLean – coordena o grupo. Ela, por sua vez, reporta-se ao diretor de cruzeiro, Naim Ayub, que é também diretor e apresentador dos espetáculos. É formada pelo Manchester Ballet há seis anos e há três trabalha nos navios da empresa italiana. O elenco, com faixa etária entre 19 e 24 anos, é uma miscelânea de nacionalidades e idiomas. Tem italianos, búlgaros, um irlandês, uma espanhola, uma venezuelana, uma inglesa e uma brasileira. Os dois cantores são romenos. Como se entendem? “Perfeitamente, e falando-se de tudo um pouco”, brinca Emma. Na verdade, predomina o inglês, principalmente quando alguém tem que se dirigir ao grupo inteiro de uma só vez. “Somos um corpo de balé perfeitamente integrado, solidário, todos se ajudam. E, além disso, fora do trabalho, somos amigos”, conta a diretora. Um exemplo desse espírito pode ser observado nas coxias, durante os espetáculos, quando as trocas de roupas são muitas e têm que ser feitas com extrema rapidez. Todos se ajudam, até para calçar sapatos.

A rotina é puxada. Há ensaios e espetáculos diários. Uma das tarefas é a passagem geral. E, como acontece em todos os balés, de vez em quando alguém sofre uma contusão e aí o jeito é improvisar e adequar a montagem da peça,

porque não existem substitutos. São eles e eles. Antes de embarcar a preparação durou cinco semanas, com treino intensivo todos os dias. Além disso, ajudam no embarque dos passageiros e fazem aquela recepção com poses alegres para fotos. Mesmo assim sempre sobra um tempinho para passeios e para o que o grupo mais gosta – ir à praia.

Os espetáculos do Ballet do Costa Victoria remetem a platéia a sentir-se na Broadway, a famosa avenida de Nova York onde se concentram os grandes teatros do showbiz. Contribui para esse clima o majestoso Teatro Festival, um dos orgulhos do navio, com raros similares. Oferece 650 lugares, tem mezanino, é dotado de todo conforto e totalmente equipado, inclusive com palco que baixa ao nível da platéia. O sistema de som e luz é de avançada tecnologia, com alta potência. Telões e câmeras permitem efeitos especiais ao vivo. E dos seus camarins os artistas podem acompanhar pelas telas de monitores tudo o que está se passando no palco e platéia, e assim controlam sem preocupação seus momentos de entrada em cena.

Os espetáculos duram entre dois e quatro anos. Nesse período os grupos de balé vão fazendo rodízio entre os dez navios da Costa. Assim, um bailarino que hoje está no Mediterrâneo, por exemplo, no próximo ano poderá estar no Brasil, Caribe ou Antártida. Outro navio, outras pessoas, diferentes climas e paisagens... A vida assim é mais interessante. Geralmente as peças são grandes clássicos, dos mais célebres teatros e cabarés do mundo, como Lido e Crazy Horse (Paris), Royal e Drury Lane (Londres), Blue Angel (Berlim), Teatro Negro (Praga), Bolshoi (Moscou), Scala (Milão) e outros. No Costa Victoria esta temporada oferece, por exemplo, o esfuziante “Rich and Famous” (Ricos e Famosos). São montagens caras. Só em plumas, para um dos shows, gastou-se 14 mil euros. Isso dá uma idéia da seriedade e do respeito que a Costa dedica ao seu público, procurando oferecer-lhe sempre a melhor qualidade.

Milton Saldanha



Emma McLean

O Elenco

Emma	Abigail
Tiberius	Sian
Doina	Eloise
Leah	Laura
Rebecca	Tarik
Sarah	Boyan
Rosalyn	Petar

“LA MILONGA”

Grande Baile de Tango
II Encontro Tanguero Paulista

5 de Março - Sábado - 22h
Domingos Lopes, 90 Campo Belo - Preço: R\$ 10,00

Reservas: (11)5561.5561/3858.2783

*C/ Show de Tango *DJ - Nelson Lima

Organização:
Nelson Lima, Márcia Mello,
Marcelo Cunha, Karina Sabah



Priscila Cardoso & Banda Cigana Luna de Fuego

Shows com bailarinos (as) e música cigana ao vivo!

Eventos em empresas, feiras, convenções, lançamentos, etc.
Aulas e Workshops de Dança Cigana (individual ou em grupo)

Stúdio de Dança Priscila Cardoso

Contatos: (11) 6832-1535 / 4341-5410 / 9234-6263

E-mail: lunadefuego@uol.com.br - www.priscilacardoso.com.br

Consulte-nos e realize uma maravilhosa e inesquecível Festa Cigana!

Luis Morenno e seus projetos!

Animus
Atos Corporais
O melhor espaço com os melhores professores.

Programa Toque de Arte
Todas as domingos
18:30 às 19:30hs
Canal 45 UHF e
14 da Cabreris

DOIS DANÇA

Shows e Aulas especialista em Tango.

R. Almirante Protógenes, 142 Sto André
Fones: 4438-1653 / 3438-7078 - www.luismorenno.com.br

Conheça a mais completa de todas as Artes.



Dançando a Bordo

O Centro de Dança Jaime Arôxa saúda a todos os hóspedes e a toda tripulação do Costa Victoria. Estamos mais uma vez com uma das maiores comitivas deste navio, grupo representado por Marcelo Cunha e Regina Burin, sócios da academia, e por Karina Carvalho, nossa professora, que ministrará cursos no navio. Lembre-se: quando estiver em terra, venha nos fazer uma visita e, talvez, fazer parte da nossa grande família.

26 de fevereiro
Baile Temático

5 de março
II Encontro Paulista de Tango

Veja programação de 2005 em nosso site

Av. Vereador José Diniz, 4014 – Campo Belo – Tels. 5561-5561 / 5561-2662

R. Marambaia, 31 - Casa Verde – Tel. 3961-1103

R. Conselheiro Furtado, 1003/sala 13 – Liberdade – Tel. 3208-5552

R. Jacy Teixeira de Camargo, 940 – Campinas – Tel. (19) 3229-1770

www.jaimearoxasp.com.br • dance@jaimearoxasp.com.br

Aos dançarinos navegantes

Em primeiro lugar, parabéns a Francisco Ancona e a Milton Saldanha por mais uma vez mostrarem o potencial da dança de salão para grandes eventos. O cruzeiro Dançando a Bordo coloca nossa dança no mais alto nível, pois nenhum evento recente, com este tema, teve a grandiosidade e um público tão apaixonado e participativo. São vários dias e noites mostrando que o mundo pode ser melhor, e que para isso não são necessários grandes encontros de líderes mundiais, basta que cada cidadão comum faça sua parte. O mundo tem sido confuso, individual, solitário, triste e frio nas relações entre pessoas. A sociedade está doente por falta de afeto. Precisamos abrir nossa porta. Buscar harmonia com outros. Isso, precisa ser dito, ou repetido, a dança de salão proporciona de maneira imediata.

Enquanto no navio o baile rola solto, o mesmo acontece lá no subúrbio, distante, onde um homem, uma mulher, uma música se tornam uma célula de felicidade. E ainda que dure só três ou quatro minutos cada música, esse tempo assume outra dimensão, sem finitude. Fica impregnado na nossa alma. Muita gente talvez não perceba, mas o aprendizado de dança não é para o corpo e sim para alma. Com ele evoluímos. Passamos a ver, ouvir e sentir melhor, e com mais intensidade. É um ganho em saúde e longevidade.

Considero-me um curioso da felicidade. Como você, vivo tentando encontrá-la de forma permanente. Um dos modos é repassando o que aprendo para meus alunos, e

sendo cúmplice dos limites que superam. O desafio é ensinar que se pode dançar uma música com alguém sem a paranóia de só fazer passos. Desenvolver a percepção auditiva e ir além nesse sentido. É maravilhoso alcançar este estágio de interação com a música, que nos abre a possibilidade da interpretação. Soltar a fantasia: que nosso imaginário nos transforme em príncipe, toureiro, cantor, o que quisermos.

Nesse processo nossa visão da vida pode ser reavaliada a cada dia. Renegando a paralisção, a estagnação. Movimento é busca, causa e efeito. Por que não desfrutar na plenitude a maravilha que é viver?

Esta página era para ser um anúncio convencional da rede de escolas que leva o nome Jaime Arôxa — não a pessoa, com seus hábitos cotidianos simples — mas os métodos e princípios que este nome construiu e hoje representa. Explico-me: é um depoimento emocionado porque adoraria estar neste cruzeiro, para o qual pela segunda vez fui convidado, mas desta vez impedido por questões de agenda profissional. Expresso aqui meu reconhecimento de que encontros como estes, no ano passado no Costa Tropicale, e neste ano no Costa Victoria, são de grande importância no caminho que vejo possível para encontrarmos uma saída deste labirinto social em que vivemos. Entendo também que poucos podem participar, até pela capacidade do navio, mas cada um que aí está, com certeza, vai dividir esses efeitos positivos onde estiver. E assim nossa corrente vai ficando mais forte e maior, e logo nossa dança de salão terá o respei-

to e o reconhecimento de toda sociedade.

Espero estar com vocês no próximo cruzeiro e continuamos navegando pela vida. Aproveitando a noite para brilhar como as estrelas, dentro dos salões de bailes do mundo inteiro, com todo respeito.

Jaime Arôxa



Dançando a Bordo

Programação

SANTOS - Dia 19 fev., Sábado

14:00 --- Embarque
 17:15 --- Aula Mix ----- Piscina (Ponte 11)
 17:45 --- Apresentação dos professores --- Piscina (Ponte 11)
 18:00 --- Ciao Ciao Santos ----- Piscina (Ponte 11)

Teatro Festival – Silvinha Araújo

Baile de Boas Vindas - Concorde Plaza

RIO DE JANEIRO – Dia 20, Domingo

08:30 --- Despertar do Corpo ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 09:15 --- Equilíbrio e Postura ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 10:00 --- Cha Cha Cha ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Salsa II ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Forró ----- Piscina (Ponte 11)
 14:30 --- Lady Style ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 15:30 --- Salsa ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 16:30 --- Maxi Foto ----- Piscina (Ponte 11)
 17:00 --- Apresentação dos professores e Ciao Ciao Rio Piscina (Ponte 11)
 17:30 --- Aulão de Abertura ----- Piscina (Ponte 11)

Teatro Festival – Rich and Famous

Festa Revival anos 60/70 – Concorde Plaza

NAVEGAÇÃO – Dia 21, Segunda-feira

08:30 --- Despertar do Corpo ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 09:15 --- Aula/Mônica Casagrande ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 10:00 --- Bolero ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Bolero II ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Samba no Pé ----- Piscina (Ponte 11)
 11:45 --- Axé ----- Piscina (Ponte 11)
 14:00 --- Dança do Ventre ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 14:30 --- Soltinho ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 15:30 --- Gafieira ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 16:15 --- Merengue ----- Piscina (Ponte 11)
 16:30/18:30

Tarde Dançante. Apresentação especial da Mostra Paralela de Tango com os professores convidados.

Concorde Plaza (Ponte 7)

Teatro Festival – 3 Tenores

Baile de Gala – Concorde Plaza

SALVADOR – Dia 22, Terça-feira

08:30 --- Despertar do Corpo ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 09:15 --- Merengue ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 10:00 --- Zouk ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Pagode ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 15:30 --- Samba Rock ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 16:30 --- Gafieira ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 17:30 --- Gafieira II ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 17:30 --- Forró ----- Piscina (Ponte 11)

Teatro Festival – Variety Show

Festa Tropical – Piscina

NAVEGAÇÃO – Dia 23, Quarta-feira

08:30 --- Despertar do Corpo ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 09:15 --- Biodança ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 10:00 --- Soltinho ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Palestra ----- Teatro Festival (Pontes 6 e 7)
 12:00 --- Country ----- Piscina (Ponte 11)
 14:30 --- Bolero ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 15:30 --- Salsa ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 16:15 --- Samba no Pé ----- Piscina (Ponte 11)
 16:30/18:00 Tarde Dançante ----- Concorde Plaza (Ponte 7)

Teatro Festival – Dançando a Bordo – O show !

Festa Latina – Concorde Plaza

ILHABELA – Dia 24, Quinta-feira

08:30 --- Despertar do Corpo ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 09:15 --- Expressão Corporal ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 10:00 --- Salsa de Roda ----- Concorde Plaza (Ponte 7)
 11:00 --- Aulão de Encerramento ----- Piscina (Ponte 11)
 17:00/19:00 Venha praticar o que você aprendeu Concorde Plaza (Ponte 7)

Teatro Festival – Theatres of the World

Carnaval – Piscina

TODOS OS DIAS

Estações de Dança

21:00 às 22:30 ----- Estação Tango (tango e milonga)
 Discoteca Rock Star ----- (Ponte 6)
 21:30 às 22:30 ----- Estação Brasileira (samba e forró)
 Gran Bar Orpheus ----- (Ponte 6)
 21:30 às 22:30 ----- Estação Latina (bolero, cha cha cha, salsa, bachata, merengue) Concorde Plaza (Ponte 7)

A partir da meia-noite Festa tema

Mostra Paralela de Tango

Local: Tavernetta (Ponte 12)

	Rio	Navegação	Salvador	Navegação	Ilha Bela
09:15		Adornos		Adornos	
10:00	Tango	Tango Básico		Milonga	Tango Intermediário
11:00	Milonga	Tango Intermediário			
15:00	Prática	Milonga		Tango Avançado	
16:30		Tarde dançante	Prática	Tarde Dançante	Prática Assistida com demonstração especial dos professores convidados

Programa Despertar do Corpo

Com Mônica Feliciano Casagrande

Aproveite todas as manhãs para cuidar do seu corpo. Vamos explorar, com movimentos simples e leves, as possíveis maneiras de sentir-se bem a cada dia. Os exercícios de alongamento, aliados à respiração orientada, ajudam você a se liberar das tensões e dançar melhor.

A cozinha do navio

Segredos de uma guerra que o passageiro não vê

A fome do Costa Victoria é do tamanho dele: enorme. Para satisfazer esse apetite colossal é necessária a mobilização de todo um exército e a montagem de uma verdadeira operação de guerra. E a batalha, embora vencida diariamente, nunca termina.

Verdade que o navio, coitado, bebe sua ração de petróleo e fica contente. O duro é atender, em cinco refeições diárias, às variadas preferências culinárias de nós, os mais de 3 mil humanos, vindos de dezenas de países de diferentes continentes, que transitamos por suas pontes e corredores.

O general dessa operação logística, o responsável para que, por exemplo, não falte fruta fresca no café da manhã, farinha para a pizza da tarde ou baunilha para a sobremesa do jantar, é o oficial Mario Vezzoli, italiano, 47 anos, Diretor de Serviços.

Formado em hotelaria em Milão, Vezzoli trabalhou em hotéis de diferentes países da Europa e conta com uma experiência profissional de trinta anos, dos quais sete em navios, para que nada falte aos passageiros. Sob suas ordens estão todos os que trabalham diretamente no atendimento do público, como os camareiros, encarregados da limpeza e arrumação das cabines, e variados serviços, como os de recepção e lavanderia.

Antes de cada cruzeiro, Vezzoli recebe da companhia um relatório informando quantos passageiros estarão a bordo, de quais nacionalidades, quantas são as crianças, e por aí afora, de modo que possa fazer a previsão das necessidades de munição de boca nessa guerra sem tréguas do abastecimento. Seus pedidos são encaminhados para duas centrais de abastecimento, uma situada em Gênova e outra no Rio de Janeiro: na data e horário previstos, os caminhões com as mercadorias estarão pontualmente no cais, para o carregamento do navio. É de se imaginar a variedade de itens necessários ao funcionamento da cidade flutuante. Sem mencionar o controle das quantidades e da qualidade das mercadorias embarcadas e de sua estocagem. Para se ter idéia dos volumes movimentados, basta citar que o Costa Victoria consome 12 mil litros de leite longa vida por semana.

Mundo à parte

Estrategicamente situadas na ponte 5, em sua maior parte, e também na ponte 6, as três cozinhas responsáveis pelo fornecimento de cerca de 11 mil refeições/dia - café da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e bufê da madrugada - estão sempre em erupção. Suas dimensões são impressionantes e é de se duvidar que se veja em terra, em algum hotel, restaurante ou hospital, algo equivalente.

- Praticamente a cozinha não pára 24 horas do dia. Sempre tem alguém trabalhando nelas; se não são os cozinheiros, é o pessoal da limpeza - diz Alain Doenlen.

Aos 38 anos, dos quais 24 dedicados à arte da culinária, esse chef francês nascido na Alsácia é o grande responsável pelo funcionamento das cozinhas de bordo e pela qualidade das refeições servidas, estando à testa de uma brigada de 148 empregados - homens em sua esmagadora maioria - dos quais 35 trabalham exclusivamente na limpeza.

Limpeza, aliás, é uma obsessão em tempo integral:

- Tudo tem de estar impecável. E toda vez que o navio chega a um porto, as autoridades sanitárias sobem a bordo e fazem uma inspeção



O italiano D'Antonio Saverio e o francês Alain Doenlen exibem obras de artes

rigorosa. Verificam até se as unhas do pessoal estão cortadas rente e se os homens estão barbados - diz Alain.

Se Alain é o encarregado do, digamos, planejamento estratégico, seu braço direito, D'Antonio Saverio, um italiano de 35 anos, Subchefe Executivo, é o responsável pela execução das diretrizes, no preparo das refeições. Assim, Alain formula os cardápios, com o cuidado de apresentar várias opções e ampla variedade de pratos; Saverio supervisiona as equipes de cozinheiros, zelando para que o padrão de qualidade não sofra oscilações.

Especialização

- O segredo da manutenção de um padrão de qualidade está na especialização - diz Saverio.

Ele explica que a cozinha é dividida em módulos; cada um prepara sempre o mesmo tipo de alimento. Assim, uma equipe ocupa-se somente de molhos; outra, de sopas e saladas; uma terceira exclusivamente de carnes; uma mais prepara as massas; e assim por diante.

É ainda o princípio da especialização que leva Alain a formatar e Saverio preparar sete menus diferentes para cada temporada de navegação. Como os passageiros mudam a cada cruzeiro, assim que acaba um os cardápios são repetidos na mesma seqüência, ou seja, os cozinheiros depois de uma semana voltam a fazer os mesmos pratos, na mesma ordem, o que permite um aper-

feiçoamento constante no seu preparo. E se um cruzeiro estender-se além de sete dias?

- Aí é só combinar pratos de dias diferentes, para não haver monotonia - ensina Alain com um sorriso.

O recinto da cozinha abriga também uma padaria e uma pizzaria. Para dar conta da lavagem da incrível quantidade de utensílios de cozinha, talheres, copos e louças, das cozinhas e dos restaurantes, máquinas espalham-se por pontos estratégicos, todas com destinação específica: uma só lava pratos, outra talheres, outra copos e assim por diante. Tudo é esterilizado em alta temperatura. Como num hospital, há pias por toda parte e eles lavam as mãos a todo momento. Parte do espaço é ocupado pelos frigoríficos, responsáveis pela refrigeração não só de produtos como também dos pratos frios preparados pouco antes das refeições.

Espectáculo à parte é o trabalho dos confeiteiros: usando chocolate, eles modelam verdadeiras esculturas, em forma de pássaros, flores, casas e muitas outras coisas: agradar à visão é tão importante quanto ao olfato e ao paladar.

- É muito bom trabalhar com o público brasileiro, porque ele tem um gosto uniforme, sabemos quais suas preferências - diz o chef Alain - Duro é viabilizar cardápios nos cruzeiros europeus; os franceses têm um gosto, os ingleses outro, os alemães gostam de um tipo de comida, os italianos de outra. E nossa obrigação é agradar a todos.

Por esse mesmo motivo, não é fácil cozi-



A máquina de produzir comida não pára, dia e noite



As cozinhas têm longos corredores

nhar para os cerca de 800 tripulantes, já que o navio é um microcosmo que reproduz o grande mundo exterior. A prova disso está na própria cozinha, onde num único módulo é possível encontrar pessoas da Índia, Filipinas, El Salvador, Itália ou Romênia, cada um trazendo seus próprios hábitos alimentares.

- Não adianta, por exemplo, eu querer oferecer carne com batatas aos asiáticos, porque eles vão preferir arroz e peixe - explica Alain.

Chapelões

Brasileiros ali são poucos, como Fabio Abila, de Londrina, Paraná. Formado pelo Senac, ele trabalha há cinco anos na Costa, na preparação de cardápios regionais e se confessa encantado com a experiência de navegar pelo mundo.

- Todo dia aprendo alguma coisa nova - diz.

Embora a atividade seja intensa, como se pode imaginar, não há atropelo nem confusão, graças em grande parte à amplidão dos espaços e à divisão das tarefas. E ali entende-se o porquê de os cozinheiros usarem aqueles chapelões altos, tão característicos: graças a eles torna-se fácil identificar quem é e quem não é cozinheiro. E quanto mais se sobe na hierarquia da cozinha, mais alto o chapéu. Os açougueiros usam um chapéu vermelho, os peixeiros um com uma fita azul. Ah sim, um cozinheiro troca de chapéu quatro, cinco vezes, a cada turno.

A cozinha principal comunica-se estrategicamente de um lado com o restaurante Fantasia, do outro com o Sinfonia, facilitando o trabalho do batalhão de 140 garçons. Na ponte 6, o restaurante que prepara refeições ligeiras dá diretamente para o bufê self-service Bolero e para a pizzaria. O exclusivo restaurante Ziffirino funciona somente à noite, para quem deseja pratos especiais.

Casado com uma colombiana de Bogotá, pai de dois filhos pequenos, quando não está a bordo Alain administra o restaurante que abriu em Dallas, Texas. Embarcado, sempre às voltas com o controle de qualidade e o treinamento de pessoal, lamenta não ter tempo para cozinhar; declara no entanto ser um privilégio navegar num navio como o Costa Victoria e conhecer o mundo. Mas por certo os passageiros, depois de se exercitarem no nobre esporte que se pratica com o garfo e a faca, é que vão decretar que privilégio mesmo é contar com uma equipe como a que o chef Alain comanda.

Rubem Mauro Machado

Respeite a natureza:

Lugar pra voar.



Lugar pra nadar.



Lugar pra dançar.



Bem-vindo ao maior cruzeiro dançante da história.

O Costa Victoria e a Dança de Salão foram feitos um para o outro.

Aproveite cada música desta viagem e desembarque com a certeza de que não existe lugar melhor para dançar.

**Costa**

www.costacruzeiros.com.br